

Cristo acalma a tempestade.
Basílica de São Marcos, Veneza.
© Foto Scala Firenze

“Nenhum dom de graça vos falta”

(São Paulo)

**Dia de Início de Ano da Itália para os adultos e os estudantes
universitários de Comunhão e Libertação**

Por videoconferência, 25 de setembro de 2021

“Nenhum dom de graça vos falta”

(São Paulo)

Dia de Início de Ano da Itália para os adultos e os estudantes universitários de Comunhão e Libertação

Por videoconferência, 25 de setembro de 2021

2

Julián Carrón

Ninguém poderia imaginar que seríamos chamados a dar testemunho da graça do carisma no meio da tempestade. E, assim como os discípulos no barco, nós também ficamos surpresos pelo fato de que quanto mais forte é a tempestade, e apesar de todos os nossos limites, mais emerge a excepcionalidade incomparável de Cristo e a afeição a Ele que o acontecimento do carisma doado a Dom Giussani inoculou no nosso sangue.

Conscientes da diferença de potencial entre o nosso nada e a graça d’Ele, peçamos ao Espírito Santo que amplie a rachadura do nosso coração para que a luz da Sua presença não encontre obstáculos em nós.

Oh! vinde, Espírito Criador

Sejam todos bem-vindos, os que estão presentes e os conectados. A experiência destes dois anos nos ensinou que nada pode impedir que aconteça o que o nosso coração espera, ainda que neste formato. O que faz a diferença não é, em primeiro lugar, o instrumento, o meio que utilizamos. Presencialmente ou por video-

conferência, cada um pôde observar qual foi a própria reação enquanto escutava as palavras da primeira música. Quem percebeu em si a “saudade de alguém ausente”?¹ Cada um, no lugar em que está agora, pôde sentir vibrar – ou não – toda a saudade de que o coração do homem é feito. Mas gostaria de dizer que, paradoxalmente, quase não importa se não a percebemos, porque às vezes nem isso está nas nossas mãos, de tão pobres coitados que somos; o que importa é que experimentemos pelo menos – isto sim – um instante de dor ao vermos o quanto a pessoa que compôs essa música sentiu muito mais essa saudade do que nós, que encontramos Aquele que responde à espera do coração. Como eu gostaria de sentir vibrar todas as fibras do meu ser como devem ter vibrado no autor da música! Porém não percamos tempo censurando-nos se não percebemos a saudade, porque podemos reparar isso imediatamente. Como? Talvez o tenhamos feito enquanto cantávamos a segunda música: pedindo Àquele que nos fez encontrar a graça do carisma que o faça acontecer. “Já estou velho [estou velho, o meu coração não vibra mais como quando tudo era fresco, novo] [...] / mas, se tu quiseres, me salvarás.”²

1. A graça do carisma

No que ouvimos e vivemos até aqui, nestas frases iniciais, reflete-se toda a dramaticidade do momento histórico que estamos vivendo, do desafio diante do qual estamos junto com nossos contemporâneos. Nós temos um grande recurso para enfrentar esta circunstância, esta conjuntura histórica: a graça que nos investiu e que, apesar de toda a nossa fragilidade, distração, traição, ainda encontra espaço em nós. Nada conseguiu arrancar totalmente do nosso ser a graça que nos conquistou e nos trouxe até aqui.

E para introduzir o primeiro ponto do percurso, gostaria de dizer que não há nada menos óbvio do que a nossa presença aqui, hoje. Pelo contrário, é o dado que mais se impõe à nossa atenção, que mais nos enche de maravilha e gratidão, convidando-nos a aprofundar nossa consciência. A pergunta com que Charles Taylor iniciou sua fala na exposição *Viver sem medo na era da incerteza* – desde que a ouvi não consegui mais me livrar dela – me deixou mais consciente disso: “Como foi que evitei acabar como a maioria dos habitantes de Quebec, que, depois de um certo período, ficaram muito irritados com a Igreja? De repente, nos anos 60, houve uma rebelião e muitas pessoas se afastaram. Por que eu não segui esse movimento?” Esta pergunta se revolveu dentro de mim durante todo o verão, deixando cada vez mais claro para mim que permanecer na Igreja é a coisa menos óbvia que existe.

Como é que não acabamos como muitos dos nossos colegas, que deixaram a Igreja? No deserto que avan-

ça vertiginosamente, na hemorragia contínua da adesão a Cristo e à fé que caracteriza o contexto europeu e ocidental (e não só), o que foi que tornou possível a nossa permanência na Igreja, o que dá razão à nossa presença aqui hoje? Por que não fomos arrastados também? Olhar de frente a pergunta de Taylor suscitou em mim uma gratidão sem fim. Quanto mais refletia, mais era invadido por uma gratidão a ponto de não conseguir segurar a comoção, fazendo-me lembrar da frase que São Paulo disse aos seus amigos da comunidade de Corinto: “Nenhum dom de graça vos falta”.³ Foi dessa experiência que nasceu o título do Dia de Início de Ano.

Porque nada é mais evidente para mim: se estamos aqui, se não pertencemos ao deserto, é pela graça que recebemos, pela graça do carisma dado pelo Espírito Santo a Dom Giussani em função de toda a Igreja, ou seja, pela forma que Cristo escolheu para nos atrair a Si, para estabelecer uma relação persuasiva conosco. A permanência, o recontecer dessa graça na nossa vida está na raiz da presença de cada um de nós aqui hoje. Senão, onde estaríamos? “Nenhum dom de graça vos falta.” São Paulo via, nos membros da comunidade de Corinto, a ação da graça que os tinha investido e que nem todo o mal deles, todos os limites e todos os erros conseguiam obscurecer. No olhar de Paulo prevalecia a graça da presença do Senhor que, neste caso, se serviu dele, do seu testemunho e do seu ensinamento, para alcançá-los.

Não pude deixar de ligar esse pensamento, que me tomava cada vez

mais, ao olhar de Dom Giussani: “À medida que amadurecemos, tornamo-nos espetáculo para nós mesmos e, Deus assim o queira, também para os outros. Espectáculo de limite e de traição, portanto de humilhação e, ao mesmo tempo, de segurança inesgotável que depositamos na força da graça que nos é doada e renovada a cada manhã. Vem daqui a audácia ingênua que nos caracteriza”.⁴ Quanta traição vivemos e, por isso, quanta humilhação! Mas nada – nada! – consegue pôr em discussão a segurança inexaurível da graça que nos é doada e renovada todas as manhãs. Esse pensamento dominante me encheu de silêncio!

O que nos torna tão gratos pela graça do carisma? Por que nos cativou de modo tão radical? Porque respondeu à nossa sede de plenitude e de destino, fazendo-nos perceber a fé como pertinente à vida, como capaz de mudá-la e de realizá-la. Somente “isto, de fato, demonstra sua razoabilidade e, por isso, torna inerente e possível a convicção, enche-a de liberdade gerando uma amorosidade e uma generosidade, e tudo isso produz criatividade”.⁵

Uma das frases de Giussani que mais citei nestes anos evidencia essa urgência, e sem respondermos a ela a fé não consegue resistir no mundo em que somos chamados a viver. “Primeiro pela minha formação na família e no seminário, depois pela minha meditação, eu estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num

mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário.”⁶ Uma fé que não pode ser encontrada na experiência, que não tem a ver com a vida, que não a penetra até o fundo, que não é capaz de responder às suas exigências, que não potencializa o humano, não consegue “tomar-nos”, não consegue atrair o homem real, não só na época atual, mas em qualquer época: as coisas no passado podiam parecer diferentes somente pelo peso cultural, social e político da Igreja.

“Por isso, em primeiro lugar, o que nos moveu foi o desejo de que a fé fosse pertinente à vida, para que fosse razoável, livre e criativa”, e “o que nos caracterizou foi a consciência de que a fé é o anúncio de um fato presente, de um acontecimento aqui e agora, que tem uma fisionomia sensível, um sinal no qual existe e que se chama ‘comunidade cristã’”, disse Giussani.⁷ Se o cristianismo não fosse um acontecimento



de vida, se Cristo não estivesse presente agora em um sinal humano, se não fosse encontrável, não metaforicamente mas realmente, no Seu corpo misterioso, na Santa Igreja de Deus, segundo uma sua emergência concreta e determinada, determinada pelo Espírito Santo, não poderia responder às exigências da vida, não poderia dar lugar a uma experiência de plenitude e nós estaríamos à mercê de tudo o que nos circunda. Nós estamos aqui porque, através de um encontro – pontual, histórico, carnal –, fomos alcançados pela graça do carisma dado a Dom Giussani: nele tornou-se evidente para nós, de um modo persuasivo e pedagogicamente mobilizador, operativo, o mistério da realidade cristã, do acontecimento cristão, sua congruência com as aspirações estruturais da nossa humanidade. “Carisma é a forma com que o Espírito, a energia do Espírito nos faz vislumbrar a evidência, a verdade da fé e a sua

capacidade de transformação.”⁸ Ora, um carisma suscita afinidade, e “essa afinidade se chama ‘comunhão’. A realidade da comunhão que vive se chama ‘movimento’”. Por isso, observa ainda Giussani, “um movimento não é um pedaço da Igreja”; ou melhor, “um movimento é a maneira como a Igreja é vivida, como todo o fato cristão é vivido”.⁹ De fato, o dom que recebemos tornou fecundo para a vida da Igreja e do mundo, e sobretudo para cada um de nós, o conjunto dos dons que Deus previu para a nossa salvação: a Sagrada Escritura, o Batismo e os outros Sacramentos, a Eucaristia, a autoridade dos Bispos e do Papa. Como Giussani observa, “todo carisma regenera a Igreja em qualquer lugar, regenera a instituição em qualquer lugar, obedecendo em última instância ao que é garantia do próprio carisma particular: a Graça, o Sacramento e o Magistério”.¹⁰

Na recente Equipe do CLU (Comunhão e Libertação Universitários), depois de ter assistido à exposição *Viver sem medo na era da incerteza*, que fala da secularização, um universitário disse: “Fiquei comovido, ao sair para o passeio, durante o silêncio, ao pensar que se não tivesse encontrado o Movimento não teria continuado cristão, se não tivesse encontrado o carisma teria me desinteressado, provavelmente teria me afastado da Igreja mesmo tendo recebido uma educação católica. Liguei-me a pessoas que encontrei no Movimento porque vivi com elas uma experiência de fascínio, diria uma experiência de plenitude, de satisfação que gostaria que durasse para sempre. E, depois, pensei: só assim a proposta cristã se torna uma proposta que respeita e exalta a minha razão, a minha afeição e, mais do que tudo – como se dizia na exposição –, a minha liberdade. Esta é a única coisa que se sustenta (pensava nisso nestes dias) diante dos desafios da vida, das

complicações, dos problemas; é a única coisa capaz de me fazer erguer novamente a cabeça quando caio, quer dizer, de me dar conta de um ponto de atração presente (como foi escutar você e os professores ontem à noite, ou ver o vídeo da exposição), e o resto (as regras, o que é preciso saber ou fazer) fica em segundo plano. E, se me afastar disso, percebo que me canso, que sufoco e a vida perde a cor, de repente, leva muito pouco tempo. Ao contrário, quando vivo isso, a vida ganha um novo ímpeto e fica entusiasmante”.

Então entendemos por que Dom Giussani disse aos universitários em 1987: “Para nós, fazer parte de Comunhão e Libertação tornou-se necessário para viver a Igreja – salvo contraordem do Pai Eterno! –. Tornou-se necessário porque é o modo com que você foi chamado a perceber a fé como vida”.¹¹

Através da graça do carisma, da atração que nos conquistou no encontro, percebemos a presença de Cristo como cheia de significado e de promessa para nós, como resposta às instâncias profundas e constitutivas do coração. Nunca tínhamos experimentado uma correspondência assim aos nossos desejos mais verdadeiros, um abraço tão definitivo à nossa humanidade necessitada que, ao mesmo tempo, libertou nossas necessidades das reduções a que inevitavelmente as submetemos, por obra nossa e do ambiente no qual estamos imersos, revelando-as em sua fisionomia original. Na experiência de correspondência que caracterizou o encontro, vimos emergir o rosto autêntico do nosso coração, vimos despertar novamente o nosso desejo, aprofundar-se a afeição pelo humano, intensificar a sensibilidade por nossas feridas e pelas dos outros. À medida que se aprofundou o apego ao acontecimento que nos fascinou, introduziu-se, na inquietude e na labuta dos nossos irmãos homens, o mesmo olhar, a mesma ternura que experimentamos em nós no encontro.

“As feridas dos outros nos fazem descobrir com mais consciência as nossas”

2. A surpresa de um olhar: a incidência histórica do carisma

Tivemos uma comprovação disso no Meeting de Rímimi. Para aqueles que puderam participar presencialmente e para aqueles que acompanharam on-line, foi uma janela magnífica pela qual olhar para o nosso tempo. Permitiu que continuássemos vendo o que já tinha emergido no desafio da pandemia: a difusão generalizada de certo vazio existencial, que chamamos de niilismo, e as inúmeras situações pessoais e sociais de mal-estar, de perda, de sofrimento. Um amigo me escreveu: “No Meeting, sobretudo nas exposições sobre as séries de TV e sobre a secularização, ficou evidente o grito da humanidade necessitada. Um grito expresso das formas mais variadas”. O mesmo grito foi percebido em outras exposições. Penso, por exemplo, na exposição *Eu, Pier Paolo Pasolini*: “Falta sempre algo, há um vazio / em qualquer intuição minha”;¹² ou na das mulheres de Uganda, amigas da Rose, intitulada *Você tem valor*, com a pergunta repetida por todas: “Quem sou eu?” Penso no grito que há na música de Lady Gaga: “Diga-me uma coisa, garota: / você é feliz neste mundo moderno / ou precisa de algo mais? / Há algo mais que você está buscando?”¹³

Em suma, nós vimos borbulhar, vir à tona, as perguntas humanas mais profundas e mais incômodas. Cada um pôde verificar, no impacto que sofreu, a postura com que as viveu. No início dos anos 90, Giussani disse que o que “caracteriza o homem de hoje [é] a dúvida sobre a existência, o medo da vida, a fragilidade da vida, a inconsistência de si mesmo, o terror da impossibilidade; o horror da desproporção entre si e o ideal”.¹⁴

Muitos entre nós identificam esse grito humano com clareza. Outra pessoa me escreveu: “É um período particular do mundo, pelo que estou vendo. Parece que só encontro pessoas feridas”. Mas essas feridas – digo logo – são, em primeiro lugar, as nossas, como cada um pode reconhecer se não tiver se endurecido. Então, quanto mais nos tornamos conscientes das nossas feridas a partir da experiência que vivemos, mais somos capazes de sentir como próximas as que encontramos nos outros. E, ao mesmo tempo, as feridas dos outros nos fazem descobrir com mais consciência as nossas. Nessa maneira de olhar para as nossas feridas e para as dos outros, podemos perceber o mesmo olhar de Dom Giussani: “O mundo de hoje foi reconduzido ao nível da miséria evangélica; no tempo de Jesus o problema era como fazer para viver e não quem tinha razão”.¹⁵

Assim como foi – e é – decisivo para nós o encontro com uma realidade viva que olhou integralmente para a nossa humanidade, acendendo em nós um pressentimento

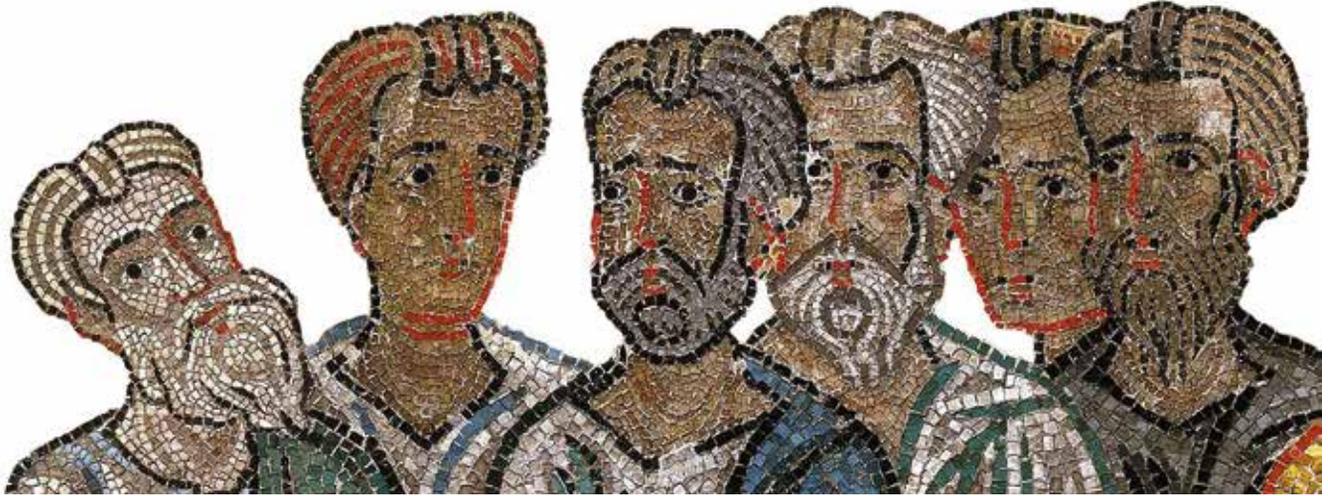
de verdade, uma força de atração e de esperança, do mesmo modo vemos acontecer nas pessoas que encontramos e que não escondem o grito de sua humanidade. A autora da carta que eu citei, que começou dizendo: “Parece que só encontro pessoas feridas”, acrescentou, depois, que essas pessoas – leio –, “assim que sentem que sua ferida é entendida e amada, não se afastam mais”. O que as une é a surpresa de um olhar no qual percebem que suas feridas são abraçadas. É a mesma coisa que continua acontecendo conosco, como podemos ver lendo a carta de uma mulher a um dos curadores da exposição sobre as séries de TV, depois de tê-la visitado: “No fim da exposição *Uma pergunta que queima. Encontros e descobertas no mundo das séries de TV*, senti-me grata por tê-la visitado. Ouvi as narrações dos personagens da história que fala dos jovens e daquela ambientada no futuro e pensei na minha vida, nas minhas feridas, na minha grande fragilidade. Percebi que queria olhar para elas e começar a falar sobre isso com alguém. Perguntei-me por que eu desejava isso e respondi que é porque quero atravessá-las para chegar até a luz que vi naquela exposição. A luz que vi é a coisa mais bonita, mais surpreendente da exposição. Onde está e o que é essa luz que eu vi? É uma luz que vejo no fim do túnel da escuridão, do sofrimento e da dor que os personagens vivem. Foram as palavras dos curadores e dos guias que nos introduziram nessa luz. Os próprios curadores nos esperavam no fim da exposição para ouvir nossas

perguntas e reflexões. No final eu me perguntei por que os curadores pensaram numa exposição como essa, onde posso falar de mim. Não sei responder. Ao mesmo tempo, pensei no período difícil da minha transição para a idade adulta. Durante os últimos anos da universidade comeci a me consultar com uma psicóloga, mas ficava cada vez pior. Voltei a pensar na exposição e me perguntei: qual é a diferença entre a experiência que acabei de viver e a que vivo quando vou a um psicólogo? Depois, surgiu em mim a pergunta que mais me importa: ‘Por que essas pessoas querem me encontrar, encontrar quem eu realmente sou?’. Logo depois, outras perguntas me invadiram: ‘Por que vejo os olhos do guia e dos curadores olhando para os meus e me sinto viva, amada, mesmo sabendo que tenho tantas feridas? Por que depois da exposição tenho vontade de viver, de existir, de ser feliz e percebo que minhas feridas não me esmagam enquanto falo de mim? Por que os curadores têm a coragem de ouvir sobre a minha vida, minhas feridas, ouvir minhas perguntas? Quem são eles? Como fazem para ser assim, capazes de me escutar, de me acolher?’. Vejo a grandeza da alma deles. Desejo conhecê-los, segui-los. É a mesma grandeza de alma que vejo nas pessoas do Meeting, nos voluntários, em quem organizou o Meeting, as exposições, os encontros, nos amigos que estão aqui. Olho para tudo isso e penso nos meus pais, e nos muitos pais que nos anos 70 eram tomados pelo trabalho e por outras mil coisas.

Lembro-me de quando era pequena e tinha o desejo, a necessidade de falar sobre mim com alguém que me visse e que me amasse, e a grande dor de não conseguir fazê-lo. Acho que meus pais, na época, não conseguiam me escutar ou talvez eu não tenha conseguido me fazer entender por eles porque cometi erros. Porém, no fim da exposição, enquanto falava com um curador, me aconteceu uma coisa nova: nasceu em mim um desejo de não condenar meus pais, de não me deixar determinar pelos meus erros, mas perdoá-los e perdoar-me porque o curador e as pessoas do Meeting que vi, de certo modo, são mais familiares do que quem me é familiar. Sinto que está acontecendo em mim mais uma vez aquilo que aconteceu, graças a Deus, muitas vezes na minha vida, no encontro com Cristo presente através de suas testemunhas: sinto que não estou mais sozinha no mundo”.

Poderíamos citar uma infinidade de histórias como esta. Como a surpresa relatada por Ilaria (vocês podem ler o testemunho dela na *Passos*, set/21): no fim de uma aula on-line um aluno questiona se pode fazer uma pergunta pessoal, e quando ela indaga por que queria perguntar justamente para ela, ele respondeu: “Porque não há muitas pessoas a quem se pode fazer uma pergunta assim”.¹⁶ Ou a surpresa comovida da mãe de um jovem com uma forma de autismo que vê o desinteresse e o medo do filho derrotados, vencidos, mês após mês, pelo olhar de uma professora que participa do Movimento e que, com pequenas e contínuas sugestões, o envolveu no relacionamento com os colegas, a ponto de ele não ver a hora de voltar para a escola. Também é significativo o que aconteceu a um professor com a “líder” dos jovens que dirigem um jornal – ultraprogressista, aberto a todas as formas de liberdade –. Ela o procurou às escondidas, sem dizer

“A questão mais decisiva da vida é identificar presenças significativas”



aos outros, quase envergonhando-se, e lhe disse: “Todos pensam do mesmo jeito, mas eu preciso de alguém que introduza algo diferente”. Ou, ainda, impressiona a insistência de um grupo de jovens em convidar sua professora para passar um dia nas montanhas com eles. Ela – conta – começou a arrumar pretextos, tentou resistir, mas eles não desistiram, continuaram insistindo, até que, no fim, ela cedeu. Durante a viagem para encontrá-los, ela se perguntava: “Por que é que esses meninos me querem, por que querem que eu esteja com eles?”

O que vemos vibrar nesses fatos? A fé vivificada pelo carisma, na sua capacidade de incidência histórica sobre quem percebe as próprias feridas, a própria necessidade, as próprias perguntas e não para de buscar, implícita ou explicitamente, um olhar capaz de abraçar sua humanidade desejosa. De fato, é justamente a percepção das nossas feridas que “nos põe no caminho do encontro”¹⁷ e permite perceber seu alcance. Em todas essas experiências fica evidente que a questão mais decisiva da vida é identificar *presenças significativas* – “pessoas que sejam presenças”,¹⁸ dizia Giussani –, pessoas que, não se assustando com a própria humanidade, permitem que os outros olhem para a deles, sem precisarem censurar nada. Aí está um senso renovado do que significa ser testemunhas da fé nas “periferias existenciais”, como o Papa sempre diz.

Encontrar pessoas assim não aquieta, não ameniza as perguntas. Pelo contrário. Como vimos, faz com que explodam ainda mais: “Quem são eles? Como fazem para ser assim, capazes de me escutar, de me acolher?” A amiga da carta não desistiu e se perguntou, ainda: “Por que os curadores quiseram fazer uma exposição como essa?” “Não sei responder”, escreveu, “porque a resposta são eles. Eu sei que, ao visitar essa exposição, encontrei amigos, porque me vejo fazendo gestos de humanidade verdadeira, como os que eles fazem e que desejo para mim”. Esta é a origem da amizade. Amigo é quem torna possível um gesto de humanidade verdadeira para consigo mesmo. E é assim que identificamos os amigos de que precisamos. Esta é a maneira com que vemos acontecer novamente o olhar escancarado da Samaritana diante de Alguém que leva a sério a sua sede. Nesse sentido, me impressionaram muito as palavras do Papa Francisco que, dirigindo-se aos Bispos da Eslováquia, convidou a Igreja a não se separar do mundo olhando a vida com indiferença, mas a mergulhar na vida

real, perguntando-se qual a necessidade profunda do povo.¹⁹

O que impressiona é uma diversidade de olhar: um olhar que ao mesmo tempo abraça e revela o tecido profundo da nossa humanidade, a nossa verdadeira necessidade, a nossa sede. Essa amiga deve ter encontrado muitas pessoas, mas nem todas foram capazes de abraçar sua humanidade necessitada. Isso acontece no horizonte atual, nas circunstâncias dadas. Exatamente agora, exatamente aqui, em pleno clima de decomposição do humano, acontece a surpresa de uma presença como essa, de pessoas que são presenças. É tudo, menos óbvio. Desse modo, descobrimos ainda mais a importância crucial da pergunta de Taylor.

Ainda em Bratislava, o Papa recomendou sermos livres e criativos diante de pessoas que não creem mais e que perderam o sentido da fé. Como? Evitando “lamentar-se, entrincheirar-se num catolicismo defensivo, julgar e acusar o mundo de ser mau”, procurando mais “abrir um buraco” – identificando a rachadura que há em cada coisa, parafraseando Leonard Cohen –, encontrando, disse ainda o Papa, “novos caminhos, modos e linguagens para anunciar o Evangelho!”²⁰

3. O caminho da autoconsciência

Como se explica um lugar onde uma pessoa pode se sentir abraçada de tal modo que consiga olhar para as próprias feridas e para “o escuro sem fim”, chegando a desejar não condenar os pais, mas perdôá-los, perdoar-se e não se deixar determinar pelos erros? Nós lemos antes: a amiga renasceu visitando uma exposição, mas é obvio que a exposição não caiu do céu como um meteorito, não é como um raio num céu limpo. Todos aqueles que a organizaram vivem mergulhados numa determinada experiência de fé que está por trás de uma coisa como esta. O olhar expresso na exposição, a humanidade testemunhada pelos curadores e percebida pela mulher que escreveu a carta não é o resultado de uma estratégia ou de uma criatividade artística, mas é fruto do deparar com uma realidade de Igreja, vivificada por um carisma, que fascinou de tal modo os idealizadores da exposição a ponto de fazê-los envolver-se num caminho humano que gerou neles um “eu” novo. Foi esse encontro que plasmou a diversidade do olhar deles e permitiu que se aproximassem dos visitantes para compartilharem com eles o resultado de um caminho humano.

Quanto mais tomamos consciência da modalidade histórica com que Cristo nos alcança na Igreja, do valor da companhia que nasce daí, quanto mais, portanto, seguimos com inteligência e afeição o acontecimento que encontramos, indo atrás da graça do carisma e deixando-nos gerar por ela, tanto mais cresce a consistência do nosso eu. Vamos ouvir como um de vocês conta o caminho que fez nestes anos. “Quando eu tinha 16-18 anos, achava que era a pessoa mais desgraçada do mundo por causa de todos os desejos e exigências que ferviam no meu coração. O encontro com o Movimento me fez respirar, porque pela primeira vez minha inquietude era olhada com simpatia, como recurso e não como condenação. Aproximei-me do Movimento por uma correspondência única ao meu coração inquieto. Mas devo confessar que, depois de dez anos de vida intensa e bela, restavam algumas coisas não resolvidas da minha humanidade e da minha história. Voltava a velha suspeita: sou mais estranho do que os outros. Por que estou contando tudo isto? Porque o carisma floresceu em mim quando decidi (obrigado pelas minhas circunstâncias) levar a sério a minha humanidade, com as coisas que eu não entendia e, ao mesmo tempo, encontrei diante de mim alguém que me propôs o carisma como um caminho, como uma hipótese de trabalho – como isso é essencial! –, ou seja, me provocou a não reduzir a proposta de Dom Giussani e a não esconder nada da minha humanidade, terreno onde o carisma floresce. A partir daquele momento o carisma tornou-se original em mim. A partir daquele momento o carisma, em mim, tornou-se novidade para todos os que tinham as mesmas objeções à fé que eu tinha antes. E, a partir daquele momento, me tornei educador. A educação dos jovens do CLU

foi uma ocasião preciosa para viver a responsabilidade do carisma que encontrei. Desde o início, entendi que precisava viver diante deles. Como dizia Dom Giussani: não insistir com eles, mas viver diante deles.²¹ Envolvi-me com a vida deles a partir da minha vida e da minha humanidade necessitada. Nesse sentido, percebi como é decisivo viver minha humanidade necessitada desde o início da manhã, ter consciência da verdadeira natureza da minha necessidade. Assim, o carisma se torna vivo em mim na medida em que verifico sua pertinência à minha necessidade. Ao mesmo tempo, fui surpreendido pela humanidade dos jovens, por suas perguntas, que nunca são óbvias. Sou o primeiro a ficar maravilhado com o maravilhamento deles diante da correspondência do acontecimento de Cristo presente. Diante deles, não sou um especialista do carisma ou um comandante. Verifiquei na minha pele como eu sou o primeiro interessado em favorecer a verificação pessoal dos jovens, não dando respostas, mas desafiando-os a um percurso pessoal. Quantas coisas maravilhosas teria perdido se os tivesse poupado um certo drama, a passagem para uma descoberta pessoal! Assim, durante estes anos assisti com surpresa à geração do eu de alguns jovens pelo encontro da humanidade deles com o carisma de Dom Giussani. Um eu que renovou o carisma e que, ao mesmo tempo, começou a gerar outras pessoas (penso nos jovens que eles encontraram no colégio como professores), as quais, por sua vez, agora estão renovando o CLU. Posso assegurar a vocês que ninguém consegue enganar esses jovens justamente porque o carisma tornou-se parte da experiência deles”. Quando alguém começa a dizer “eu”, se surpreende ao ver florescer outros “eus”.

Qual é o resultado do caminho que começa com o encontro com o Movimento? O fruto é a intensidade da autoconsciência cristã, que depois pode se exprimir no olhar, pode se exprimir numa exposição, pode se exprimir no trabalho ou na experiência afetiva, porque “a força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência”.²² Por isso, assim que alguém se depara com uma pessoa que tem clareza e intensidade de autoconsciência, não pode não ser abalado. Como é que cada um de nós pode alcançar, fazer sua, essa autoconsciência, assim como deseja a amiga que visitou a exposição? Quem pode responder a essa pergunta melhor do que o próprio Dom Giussani? Vamos ouvir o que ele disse aos estudantes universitários nos Exercícios Espirituais do CLU em 1976, portanto a pessoas que podiam estar ali pela primeira vez. Parece pensado para hoje, pois é muito pertinente ao momento que estamos atravessando. Proponho este vídeo a vocês porque, desde que o ouvi há alguns meses, não pude deixar de escutá-lo de novo: a única coisa que eu desejava era que aquilo se tornasse meu. Acho que não poderia lhes dar um presente mais bonito no início deste ano, durante o qual celebraremos o centenário do nascimento de Dom Giussani. Vamos ouvir alguns trechos da palestra.

De uma fala de Luigi Giussani nos Exercícios Espirituais dos universitários de Comunhão e Libertação (Riva del Garda, 5 de dezembro de 1976)

Transcrição da gravação reproduzida durante o Dia de Início de Ano na Itália ocorrido em 25 de setembro de 2021 e conservada no Arquivo da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Organizado por Julián Carrón

Luigi Giussani

Este é o laço que nos ata à verdade das coisas desde o fundo! O que está em jogo antes de tudo e diretamente não é um bom funcionamento da sociedade, uma possibilidade de convivência mais humana, uma colaboração para uma mudança justa das coisas, uma libertação das angústias do poder, das mentiras cobertas de violência. Não é isto. Porque, se fosse diretamente isto, poderíamos inventar um partido. No entanto, o nosso movimento tem imediata e diretamente outro objetivo: pôr em ação a nós mesmos, a nossa pessoa...

Desculpem, não existe coisa mais humanamente perturbadora e verdadeira do que essa. Nada de mais óbvia humanamente, mas [também] de mais perturbadora do que esta frase de Cristo: “Que adianta”, que adianta, se você realiza tudo o que vem à sua cabeça, “se ganha o mundo inteiro” – diz – “mas perde o significado de si mesmo?”²³ Perde a sua alma. “Que poderia dar em troca de sua vida?” A afirmação de uma ideologia? Uma posição dialética na sociedade, uma raiva liberada com murros ou com *molotovs*, uma violência carnal, um acúmulo de horas e dias de comodismo, ou aquela curiosidade do saber que, quando é inteligente, não pode senão tornar-se raiva ou espasmo diante da desproporção cada vez mais evidente entre o meio e o objeto, entre a própria mente e o enigma da realidade? “Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? Que poderia dar em troca de sua vida?”

Esta é a primeira palavra – nós a pronunciamos quatro anos atrás pela primeira vez, fazendo-a tornar-se um dos termos usuais, desde então –: autoconsciência. O termo não é muito poético: é preciso. Consciência de si, sentimento da irreduzibilidade de si. “Que poderia dar em troca de sua vida?” O sentimento da irreduzibilidade de si! Porque não existe [outra coisa]..., o que é que existe, o que é que existe de mais evidente, quando pronunciamos a palavra “eu” com um mínimo de ternura atenta? O que há de mais evidente do que o fato de que, ao pronunciar esse “eu”, a pessoa afirma, sente que afirma, percebe que afirma uma realidade irreduzível? Não existe mais nada que possa ser nomeado com aquela palavra em toda a história de ontem, de hoje e de amanhã, na eternidade...

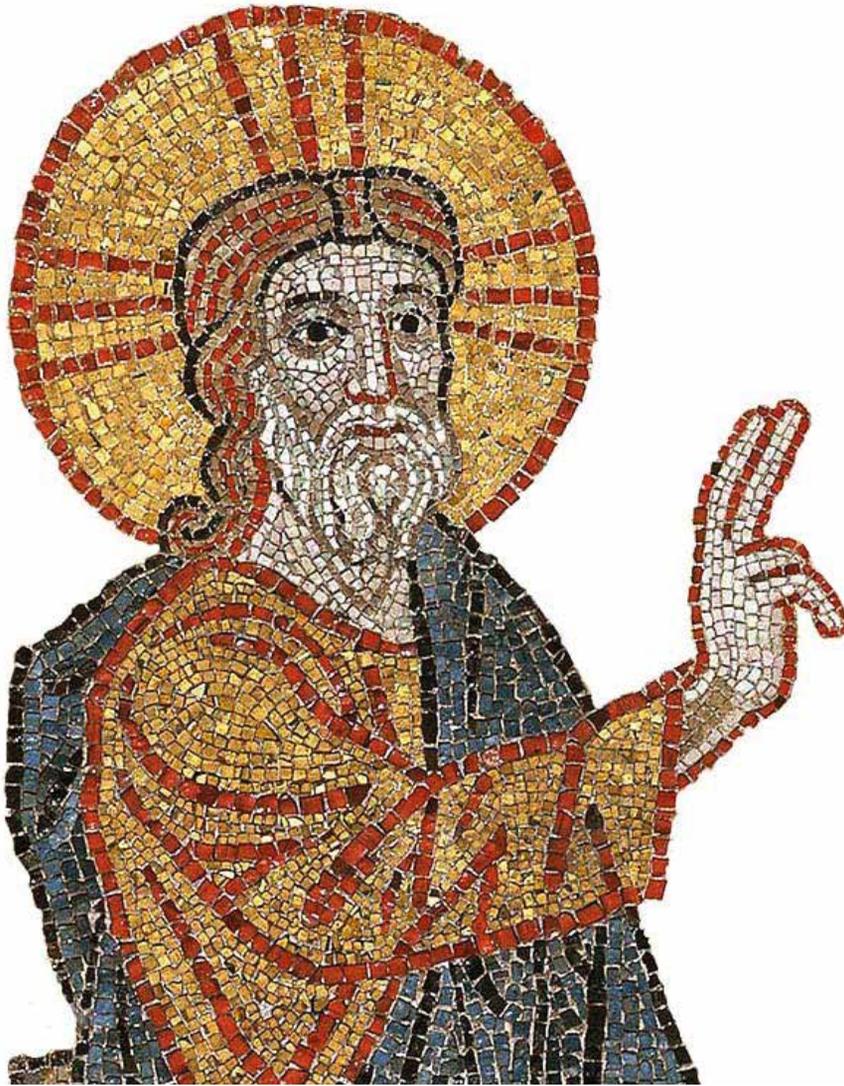
Olhem que a novidade da vida é proporcional ao amadurecimento desta consciência de si, deste sentimento de si, deste olhar e gosto de si. Por favor: será que compreendemos que o sujeito, quer dizer, aquilo de onde saltam,

jorram, onde vão buscar consistência, onde ganham rosto todas as coisas, quer dizer, todas as relações, todas as ações, todos os movimentos, é esse eu? Eu!

Há uma lei, uma lei que vocês têm de anotar, uma lei dessa autoconsciência, da vida dessa autoconsciência, desse eu, dessa pessoa que sou eu. E não há preço para esse eu. Como disse Pascal: “O que é esta pessoa? Um ponto invisível dentro da imensidão do espaço”. Mas se o espaço todo, se o mundo inteiro caísse em cima de mim, neste ponto efêmero, dentro da aparente estabilidade do todo, se se precipitasse para cima de mim para me esmagar, “eu sou maior do que ele, porque eu compreendo o que está acontecendo”.²⁴ Compreendo, há algo em mim que foge ao domínio deste enorme cataclismo e o define, o agarra a partir de fora, o compreende. Não há nada que possa pagar [o valor da] minha pessoa...

Mas eu lhes disse que há uma lei. Formulo-a: reconhece-se e ama-se a própria identidade quando se ama “outro”, quando se reconhece e ama “outro”, entre aspas. É reconhecendo e amando outro que começa, que jorra a capacidade de afeição...

Nós amamos, reconhecemos e amamos outro, um homem reconhece e



10

ama uma mulher verdadeiramente, apenas como projeção de uma energia de reconhecimento e de amor por si mesmo. Porque, diz também o Evangelho: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”.²⁵ O critério original para amar outro é o amor que tenho por mim mesmo.

Nós – quantas vezes o dissemos –, nós não amamos os outros porque não nos amamos a nós mesmos...

Não somos capazes de querer bem, de ser amigos, se não reconhecermos que fomos amados ou somos amados pelo pai e pela mãe. Quem estuda psicologia sabe disso muito bem. É psicologicamente comprovável. A percepção clara de ser querido,

de ser desejado, de ter sido desejado e amado, de ser amado..., isto é fundamental para a sanidade psíquica. Todo o mundo o sabe. Mas ninguém pensa na estrutura da lei que está aqui dentro...

Se tudo, mãe e pai, e mulher e homem não são descobertos com admiração e exaltação, numa contemplação que parte daqui, precisamente desta descoberta, [se] não são descobertos como sinal de uma estrutura original do nosso ser, do que nos faz ser – ser! –, porque neste momento o que eu sou, não sou eu que me dou... Ser desejado, existir significa ser continuamente desejado – desejado –, por isso ser amado ou, na

metáfora da Escola de Comunidade, ser chamado do nada a cada momento. É a consistência do meu eu que Tu me queiras, ó Deus...

Ama-se a própria identidade quando se ama Outro... Pode não ser olhado por ninguém, mas quem se dá conta disto é um homem livre, equilibrado, talvez com um olhar dolorido sobre o real, mas a dor é a coisa mais sã, exatamente como a ressurreição, como a glória – diria a Bíblia –, porque a glória ou ressurreição, a vida, é através da cruz, da dor...

“Eu tenho aquilo que dei”, disse D’Annunzio.²⁶ Não há nada mais ilusório e, por isso, mais mentiroso do que isto. “A minha consistência é o que eu dei”: esta é uma definição que não se adequa ao homem, à criatura. “Eu tenho” apenas “o que dei”: a exaltação, portanto, da consistência como reatividade, da consistência como violência, como reatividade e violência. Eu tenho o que me foi dado! É esta a frase certa. Eu tenho, eu sou, eu consisto, eu tenho o que me foi dado. O reconhecimento disto é a autoconsciência, de onde jorra a afeição a si, à própria vida, ao outro, à vida do outro; de onde jorra o humano, a humanidade...

Quanto mais eu sou consciente, mais sou personalidade, mais eu ando por aí olhando para as coisas, falando com os homens, tendo dentro de mim com clareza a consciência deste ser feito, desta presença que me constitui, deste Tu – com “T” maiúsculo – que me constitui, e a oração torna-se a dimensão normal da vida...

Este é o abismo que a idade escavou na minha alma – porém era uma coisa que se escavava desde o colegial, porque eu sentia estas coisas desde o meu colegial – ... Esta é a força da liberdade e esta é a força da criatividade, e esta é a força do amor, é a força da afeição! Entendem? Isto é o humano, esta é a gênese: a matriz, o útero [de] onde surge o humano...

“Existir significa ser continuamente desejado – desejado –, por isso ser amado, ser chamado do nada a cada momento. É a consistência do meu eu que Tu me queiras, ó Deus...

Ama-se a própria identidade quando se ama Outro... Pode não ser olhado por ninguém, mas quem se dá conta disto é um homem livre, equilibrado, talvez com um olhar dolorido sobre o real, mas a dor é a coisa mais sã, exatamente como a ressurreição, como a glória – diria a Bíblia –, porque a glória ou ressurreição, a vida, é através da cruz, da dor...”

Esse profundo desconhecido, esse Enigma com “E” maiúsculo, esse Deus inefável, que não se pode dizer, esse Tu sem olhos, nariz e boca, esse Mistério vivente, que dá consistência ao meu eu, tornou-se um homem que dizia: “Pai”; que dizia: “Mãe”; que dizia: “Mulher, não chores”; que dizia: “Vós também quereis ir embora?”; que dizia: “Hipócritas!”; que dizia: “Vinde a mim todos vós que não entendeis, que estais confusos e cansados”; que dizia: “Peço-Te, Pai, dá-me a força de ser uma só coisa”; que dizia: “Já não vos chamo servos, mas amigos”; que dizia: “Um só é o vosso mestre: eu. Todos vós sois irmãos. Chamais-me ‘mestre’ e fazeis bem, de fato o sou”; que dizia: “Quem de vós estiver sem pecado que atire a primeira pedra”; que disse: “Se fiz alguma coisa, se disse alguma coisa de mal, explica-me. E se disse bem, porque me persegues?”; que disse: “Pai, por que me abandonaste?” e que gritou: “Tudo foi consumado”, porque antes tinha dito a grande, “grande” palavra, a grande palavra do homem, isto é, de Abraão: “Pai, não seja feita a minha vontade, mas a tua”.²⁷ A natureza do ser és Tu. A minha consistência não é a minha imaginação tateante de homem, não é a forma breve da minha sede de vida, mas é a fonte verdadeira da minha vida, de mim, que és Tu, a minha glória que és Tu.

Esta autoconsciência, portanto, é a consciência da Sua presença. Consciência da Sua presença entre nós! Se a autoconsciência tem como conteúdo último, profundo, a percepção, a descoberta admirada, contemplativa e

maravilhada de um Outro que me constitui no mais profundo de mim, esse Outro tornou-se alguém – alguém! – entre nós, tornou-se alguém a quem dizer: “Tu”, mas com um rosto, com olhos, nariz e boca! Alguém a quem se podia apertar a mão, em quem se podia apoiar, em cujo ombro se podia apoiar, reclinar a cabeça... Se, portanto, o conteúdo último da autoconsciência é esta realidade que me faz – Deus –, [e] a medida do ser pessoal é a religiosidade, esse fundo, esse Tu com “T” maiúsculo, esse Enigma com “E” maiúsculo tornou-se um de nós. “A Deus, ninguém jamais viu, o Filho foi quem o revelou.”²⁸ “Quem me vê, vê o Pai”.²⁹ Um de nós! “Fazei tudo em memória de mim”.³⁰ Memória: reconhecimento desta Presença, a autoconsciência agora, a minha autoconsciência de homem chamado a este encontro, de homem cristão...

“Nós também não compreendemos o que tu dizes, mas, se formos embora, a quem iremos? Só tu tens palavras que dão a vida.”³¹ O que era a vida nova há dois mil anos (dissemos que a autoconsciência é, representa a novidade da vida, uma pessoa sente a vida nova quanto mais é consciente de si)? Estar com a Sua presença! Há dois mil anos, a vida nova era estar com a Sua presença. [Que] sentimento de liberdade, de consistência do próprio eu! “Este, sim, fala com autoridade”, me dá consistência! Era estar com a Sua presença. Tanto é verdade que Escribas e Fariseus e toda a multidão que ia por curiosidade, ou por interesse, ou para

receber milagres e ia embora, não tinha esta vida nova exceto na brevidade do instante em que estavam ali, de olhos arregalados, ouvindo-O falar ou vendo-O fazer milagres.

Há dois mil anos a vida nova era estar com a Sua presença. Acontecia, estando na Sua presença, como que uma ebulição, uma renovação de si: nascia, nascia o eu! Nascia o eu com sua consistência transparente, cristalina, com sua força viva, com sua sede e capacidade de querer bem, com sua humanidade; em suma, nascia o humano dentro de si. João 3, Nicodemos, junto com Cristo: “É preciso nascer de novo... Em verdade te digo: é preciso nascer de novo”. Se você quer entender a realidade, se quer entrar na realidade, é preciso nascer de novo. Nascia-se de novo assim.

Em suma, rapazes, a autoconsciência é a fé... A fé é reconhecer a Sua presença... É isto a fé. E é esta a autoconsciência, a consciência de mim. Quanto mais eu ressuscitar nas minhas horas, no meu dia, a consciência dessa Presença, fazendo tudo..., quanto mais eu retomar a consciência da Tua presença, ó Cristo, mais poderosa é a minha identidade, mais profunda é a ternura para comigo mesmo, a tua misericórdia para comigo, e mais poderosa é a criatividade de relação com o outro! Vão reler Colossenses, primeiro capítulo versículos 1 a 23, quando fala do “conhecimento de Deus”.

Meus amigos, o primeiro problema do nosso movimento..., o primeiro problema não é organizar a comunidade, mas dar continuidade ao anúncio... Não é amizade entre mim e você, se não te recordar isto, antes e mais do que qualquer outra coisa...

Identifiquemos, surpreendamos com precisão o instante e o fenômeno em que a autoconsciência entra em ação, ou seja, o sujeito humano entra em ação, a nossa personalidade se move. O primeiro, o primeiro instante, o pri-

meiro tipo de fenômeno em sentido absoluto..., a iniciativa, “a” iniciativa é o desejo da recordação. Quando nos levantamos de manhã, rapazes, quando nos levantamos de manhã, o que é que desejamos? Temos de nos esforçar – é verdade – para ultrapassar todos os detritos dos desejos que instintivamente se apresentam ao nosso cérebro, à nossa consciência, à nossa alma, temos de resistir a isso e penetrar nestes detritos para irmos ao fundo de tudo, deste desejo da Sua recordação! É para isso a oração da manhã...

Se tudo não chegar a esta fronteira última, na qual, frágil e nu como um miserável, o ser miserável que é você, que sou eu, está à espera do que o salva, o cumpre, do que o realiza, do que lhe sacia a fome e a sede, do que o torna senhor de si e do mundo – porque foi para isso que nascemos, à imitação d’Aquele que é a nossa consistência –, se tudo não chegar a esta fronteira última tudo se torna inútil...

Por isso tem valor se estiver em função dessa Presença inexorável, histórica, desse eterno feito história, se estiver em função dessa Presença em todos os instantes, de acordo com todo o seu conteúdo. Eu não estou arrancando de vocês suas afeições, seus interesses e seus prazeres humanos; eu estou tentando reconduzi-los àquela raiz de tudo em que afetos, interesses e prazeres florescem numa glória impensável e se tornam permanentes, se tornam verdadeiros...

O amadurecimento desta iniciativa, a capacidade desta iniciativa amadurece como história... Não detenhamos, não detenhamos esta iniciativa, nem sequer pela traição, e a traição mais indigna que é o esquecimento, e a distração a que estamos acostumados, a decepção de quando nos damos conta de não ter feito. A decepção de quando nos

“Há dois mil anos a vida nova era estar com a Sua presença. Acontecia, estando na Sua presença, como que uma ebulição, uma renovação de si: nascia, nascia o eu! Nascia o eu com sua consistência transparente, cristalina, com sua força viva, com sua sede e capacidade de querer bem, com sua humanidade”

damos conta de não ter feito é um laço que deve ser rompido. Não nos deixemos tomar por esta desilusão! Sabem por que é que não fizemos? Sabem por que erramos? Sabem por que estivemos distraídos? Sabem por que estivemos indignamente, esquecemos indignamente? Sabem por que é que traímos cem vezes, mil vezes ontem? Sabem por quê? Deus permitiu isto para que, hoje, você use esse desastre como instrumento para lembrar-se d'Ele... Quantas vezes? Um milhão de vezes? Um milhão de milhão de vezes. Sempre...

Este caminho aprende-se caminhando! A maturidade acontece fazendo. Mas como é possível fazer, se você não sabe o caminho? Por isso a norma, a regra fundamental desta história, deste caminho, é uma só: o seguimento, seguir. Seguir! Seguir a quem já conhece este caminho, como quer que o faça. Porque o mestre indica a você, com segurança, com persuasão, com demonstração. O projeto da sua maturidade não pode vir de você... O importante na vida é reconhecer o mestre! Porque o mestre não é escolhido por nós mesmos: ele é reconhecido! Escolher o mestre significa favorecer a violência dos nossos pensamentos e dos nossos enigmas, como podem ler na Segunda Carta a Timóteo, capítulo quarto, versículos 3 e 5.

Chama-se autoridade, certo, chama-se autoridade, mas, pelo amor de Deus, destruam o conceito blasfemo de autoridade tal como o usam! Porque é realmente um cadáver, mumificado. É um fóssil o conceito de autoridade que vocês têm. É de um esquematismo que me dá raiva, me deixa furioso quando o encontro. Porque, de fato, não é identificar-se com a pessoa, mas é identificar-se com a pessoa enquanto valores, com os valores da pessoa. Porque aquela pessoa pode ser

mais avarenta do que você, pode ser mais possessiva do que você, pode ser menos inteligente, mas se você a reconheceu como um mestre, foi pelos valores que estavam no seu jeito! Pelos valores. Os valores são o quê? Tudo o que te permite compreender e treinar para que o instante tenha a proporção do destino. O instante segundo o seu conteúdo, a relação com a namorada, ou com o seu pai e a sua mãe ou com o professor, com o militante político ou com a comunidade que é pesada para você porque não fica te bajulando.

Sou frágil, meus amigos – e acabei –, sou frágil, porque vivo só deste seguimento. O que eu sou é devido ao seguimento que vivo. Um seguimento que passa pelos sinais dos homens, de homens, aqueles sinais que vêm dos homens que Deus nos fez encontrar, mas que, com o passar do tempo, mesmo seguindo sempre

“Quando nos levantamos de manhã, o que é que desejamos? Temos de nos esforçar – é verdade – para ultrapassar todos os detritos dos desejos que instintivamente se apresentam ao nosso cérebro, à nossa consciência, à nossa alma, temos de resistir a isso e penetrar nestes detritos para irmos ao fundo de tudo, deste desejo da Sua recordação!”

esses homens, com o passar do tempo, se tornam cada vez mais evidente e diretamente Cristo o único mestre: “Um só é o vosso Mestre”!³²

Sou frágil porque vivo desse seguimento, desse seguimento de homens, de uma comunidade ou de um movimento guiado, nos quais se vive o seguimento de Cristo. A única razão de tudo é o seguimento de Cristo. Seguir a Cristo é a única coisa que devemos perseguir. Já não tenho uma consistência minha, já não tenho certezas construídas por mim, numa *hýbris*, numa exacerbação violenta de mim.

E então a vida caminha por uma luz, uma certeza e uma afeição que não crio com os meus pensamentos, que não crio com o esforço da minha vontade, mas que surpreendo em mim. Uma certeza e uma ternura, uma certeza e uma afeição que encontro em mim seguindo.

Carrón

Foi isto o que nos agarrou pelas entranhas, que nos impediu de ir embora como tantos outros: um ímpeto de vida, uma maneira de conceber, de viver e de propor o cristianismo que nos entusiasmou, e que demonstrou a razoabilidade e a persuasão da fé, um caminho para a mudança de si. O carisma é o modo que Cristo escolheu para estabelecer uma relação significativa conosco, para nos atrair, para tornar existencialmente experimentável nossa pertença a Ele na Igreja de Deus: não em outro mundo, mas neste mundo, tal como é, com todos os seus desafios e tensões, “na era da incerteza”, navegando nas águas turbulentas do nosso tempo. “O carisma representa justamente a modalidade de tempo, de espaço, de caráter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva, intelectual com que o Senhor se torna acontecimento para mim e, do mesmo modo, para outros.”³³

Através desse dom particular, ficamos efetivamente habilitados “à totalidade. O carisma existe em vista da criação de um povo completo, ou seja, totalizante e católico”.³⁴

Assim, para retomar mais uma vez a pergunta de Taylor, em vez de sermos arrastados pela força de uma corrente que ia em sentido contrário, fomos “tomados”, atraídos, agarrados pela presença de Cristo, que veio ao nosso encontro através desse formato, desse rosto, dessa “forma de ensinamento a que fomos entregues”,³⁵ que é, para nós, o carisma doado a Dom Giussani, assim como, para outros, são outros carismas dentro da Igreja. E floresceu em nós – em muitos adultos e, algo cada vez menos óbvio, em muitos jovens – “a consciência da Sua presença”, a fé, e começamos a experimentar a novidade de vida que é “estar com a Sua presença”, uma plenitude com a qual nunca teríamos sonhado. Como é verdade que “a Igreja não cresce” no mundo “por proselitismo, mas ‘por atração’”,³⁶ como repete o Papa!

Que graça! De fato, que Cristo nos tenha atraído e continue atraindo-nos hoje por meio do rosto, da tônica, da modalidade persuasiva do carisma não foi e não é uma iniciativa nossa, mas uma iniciativa do Espírito Santo: é graça. É graça o dom do carisma e é graça a sua permanência. Uma graça que interpela cada um de nós, que implica, solicita, requer a responsabilidade de cada um de nós. Acabamos de escutar as palavras de Dom Giussani: “O importante na vida é reconhecer o mestre! Porque o mestre não se escolhe: reconhece-se!” Mas como reconhecê-lo? Como reconhecê-lo neste momento em que a Igreja chama todos os movimentos e associações leigas a mudarem o guia, fazendo uma posterior adequação do seu Estatuto, de acordo com os critérios indicados pelo Decreto do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida?

Muitas vezes repetimos que “a autoridade nasce do que se vive, da experiência que se vive”.³⁷ Falando a um grupo de padres responsáveis de algumas comunidades de CL, em

1980, Giussani disse: “Se eu desejar [certas] coisas, Deus faz-me aprendê-las com quem as vive, com quem já as vive”. Este é sempre o método: “A vida aprende-se seguindo quem vive: não porque seja melhor do que você! Pode ser mil vezes pior do que você! Mas como método, como maneira de viver, como comportamento... é um exemplo na maneira de viver, a aplicar. Segue-se um exemplo, não se segue um discurso”.³⁸ O mestre, a autoridade, disse Giussani em outra ocasião, é “o lugar onde o nexa entre as exigências do coração e a resposta dada por Cristo é mais límpido, é mais simples, é mais pacífico”; “a autoridade é um ser, não uma fonte de discursos. O discurso também é parte da consistência do ser, mas somente como reflexo. Enfim, a autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que o que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto”.³⁹ O que, então, é necessário para reconhecer o mestre? A consciência da natureza da nossa verdadeira necessidade, uma consciência clara de si, como escrevi na recente carta à Fraternidade. “De que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a si mesmo?” Não há outro critério. Porque o mestre, a autoridade, é o lugar em que vejo resplender aquilo de que minha humanidade precisa para viver: a graça do carisma, a atração que nos conquistou no encontro e mudou radicalmente a nossa vida tornando existencialmente experimentável a presença de Cristo, a Sua capacidade de transformar cada fibra do nosso ser, de nos realizar. Ouvimos antes: “A maturidade acontece fazendo. Mas como fazer, se não sabemos o caminho? Por isso a norma, a regra fundamental dessa história, desse caminho é uma só: o seguimento, seguir”. Através do seguimento “dos homens que Deus nos fez encontrar”, das pessoas que o Espírito do Senhor coloca na nossa frente para tornar concreto e percorrível o caminho para Ele, ou seja, ao seguirmos “um movimento guiado, no qual se vive o seguimento de Cristo”, nós seguimos Cristo: porque “o seguimento de Cristo é a única razão de tudo”. Somente seguindo poderemos “propor ao homem, nosso irmão, um fato de vida”. De fato, “o Senhor veio trazer uma vida, não uma organização”.⁴⁰ Como disse Dom Giussani, com uma frase que sempre cito, “numa sociedade como esta não é possível criar algo de novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativas que resistam. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relacionamentos, enfim, tudo”.⁴¹

É isto o que queremos comunicar a todos, celebrando o centenário de seu nascimento: a imponência de Cristo, vida da nossa vida, que nos alcançou e continua nos atraindo, nos arrastando a Si através do traço único do carisma, que torna persuasivas todas as dimensões da vida da Igreja para o mundo de hoje. Por isso, podemos dizer: nenhum dom de graça nos falta para enfrentarmos a nova etapa do nosso caminho. ■

“Numa sociedade como esta não é possível criar algo de novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativas que resistam. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relacionamentos, enfim, tudo”

Notas

- ¹ “Minha luz”, fado português, letra e música de J. Mariano e A. Costa.
- ² “Ballata dell’uomo vecchio”, canção italiana, letra e música de C. Chieffo.
- ³ 1 Cor 1,7.
- ⁴ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, p. 142.
- ⁵ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Milão: Bur, 2010, p. 309.
- ⁶ L. Giussani, *Educar é um risco*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2019, pp. 16-17.
- ⁷ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 310.
- ⁸ *Ibidem*, pp. 312-313.
- ⁹ *Ibidem*, p. 313.
- ¹⁰ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 119.
- ¹¹ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 389.
- ¹² P.P. Pasolini, “VI. L’alba meridionale”, de *Poesia in forma di rosa (1961-1964)*, em *Idem, Bestemmia. Tutte le poesie*, vol. II, Milão: Garzanti, 1995, p. 801.
- ¹³ Lady Gaga e Bradley Cooper, “Shallow”, do álbum *A Star Is Born*, 2018, © Interscope Records.
- ¹⁴ “Corresponsabilidade”, *Litterae Communionis-CL*, n.11/1991, p. 33.
- ¹⁵ *Ibidem*.
- ¹⁶ “Por que pergunta a mim?”, *Passos*, set. 2021, p. 18.
- ¹⁷ L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 362.
- ¹⁸ L. Giussani, G. Testori, *Il senso della nascita*, Milão: Bur, 2013, p. 116.
- ¹⁹ “É bela uma Igreja humilde que não se separa do mundo nem olha a vida com indiferença, mas habita dentro dela. Habitar dentro – não o esqueçamos – é partilhar, caminhar juntos, acolher os interrogativos e as expectativas do povo. Isto ajuda-nos a sair da autorreferencialidade. [...] Em vez disso, mergulhemos na vida real – a vida real – das pessoas e perguntemo-nos: quais são as necessidades e os anseios espirituais do nosso povo?” (Francisco, *Discurso durante o encontro com os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas e catequistas*, Bratislava, 13 de setembro de 2021).
- ²⁰ “Como pano de fundo temos uma rica tradição cristã, mas hoje, na vida de muitas pessoas, permanece a lembrança dum passado que já não lhes fala deixando de orientar as opções da sua existência. À vista da perda do sentido de Deus e da alegria da fé, não adianta lamentar-se, entrincheirar-se num catolicismo defensivo, julgar e acusar o mundo de ser mau. Não ajuda! O que ajuda é a criatividade do Evangelho. [...] À vista talvez duma geração que não acredita, que perdeu o sentido da fé, ou que reduziu a fé a um hábito ou a uma cultura mais ou menos aceitável, procuremos abrir um buraco... Sejamos criativos! Liberdade, criatividade... Como é belo quando sabemos encontrar novos caminhos, modos e linguagens para anunciar o Evangelho!” (Francisco, *Discurso durante o encontro com os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas e catequistas*, Bratislava, 13 de setembro de 2021).
- ²¹ “Devi essere davanti a lui, non insistere su di lui” (L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 366).
- ²² L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155.
- ²³ Cf. Mt 16,26-27.
- ²⁴ Cf. B. Pascal, *Pensieri*, n. 231, in *Idem, Opere complete*, Milão: Bompiani, 2020, p. 2393.
- ²⁵ Cf. Mt 22,34-40.
- ²⁶ Mote gravado na entrada do “Vittoriale degli Italiani”, Gardone Riviera (BS), onde o poeta e romancista Gabriele D’Annunzio está enterrado.
- ²⁷ Cf. Mt 26,42; Lc 22,42.
- ²⁸ Cf. Jo 1,18.
- ²⁹ “De um diálogo de Luigi Giussani com um grupo de *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991) em “Quem é este?”, Página Um, *Passos*, nov. 2019, p. 8.
- ³⁰ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 105, 111.
- ³¹ O. Grassi (Org.), “Movimento, ‘regola’ di libertà”, *Litterae communionis-CL*, n. 11, 1978, p. 44.
- ³² Mt 23,10.
- ³³ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 116.
- ³⁴ *Ibidem*, p. 117.
- ³⁵ J. Ratzinger, “Da apresentação do Catecismo da Igreja Católica”, *L’Osservatore Romano*, 20 de janeiro de 1993, p. 5.
- ³⁶ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 14.
- ³⁷ L. Giussani, *Una presenza che cambia*, Milão: Bur, 2004, p. 364.
- ³⁸ A. Savorana, *Luigi Giussani: a sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 587.
- ³⁹ “De um diálogo de Luigi Giussani com um grupo de *Memores Domini* (Milão, 29 de setembro de 1991) em “Quem é este?”, Página Um, *Passos*, nov. 2019, p. 8.
- ⁴⁰ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 105, 111.
- ⁴¹ O. Grassi (Org.) “Movimento, ‘regola’ di libertà”, op. cit., p. 44.